

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE DANÇA – LICENCIATURA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DANÇAS URBANAS: BUSCA DE IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÃO
DO JOVEM CONTEMPORÂNEO

CARLOS EDUARDO MOTTA MACHADO

Pelotas, 2013

CARLOS EDUARDO MOTTA MACHADO

DANÇAS URBANAS: BUSCA DE IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÃO DO JOVEM
CONTEMPORÂNEO

Trabalho Acadêmico apresentado ao Curso
de Dança – Licenciatura da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista em Dança
– Licenciatura

Orientador: Prof^a M^a Alexandra Dias

Pelotas, 2013

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a M^a. Alexandra Dias/Orientadora (IQ-UFPeI)

Prof^a M^a Carla Vendramin (IQ-UFPeI)

Prof. M^a Flávia Marchi Nascimento (IQG-UFPeI)

Pelotas, 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os bailarinos, coreógrafos, amantes e pesquisadores das Danças Urbanas.

A todos estes que se arriscam por acreditar no potencial gerador deste gênero, dedico cada linha escrita neste trabalho, para que a partir deste, venham muitos outros em prol do crescimento desta cultura.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me colocado em meio a inúmeras pessoas maravilhosas.

Agradeço a minha mãe Eloisa Machado por me dar o apoio e acreditar sempre no meu potencial, mostrar que é das dificuldades que descobrimos nossas formas e que o limite caberá a nós mesmos descobrirmos.

A minha orientadora Alexandra Dias que soube me encaminhar nas escolhas sem precisar se impor, que soube respeitar minhas decisões e descobrir junto as minhas dúvidas, esta que seria a pesquisa a ser estudada.

A minha futura noiva e mulher Mariana Esteves, que me apoia, briga, chora e procura sempre me ajudar nas melhores escolhas, uma pessoa que vem me ensinando com cada nova conversa e sorriso.

Ao meu tio Toninho Machado, obrigado pela inspiração, alegria e influência ainda quando jovem para que este trabalho viesse a ser realizado.

A minha eterna amiga/irmã Mônica que vem me ensinando como ser um profissional e saber respeitar meus alunos da mesma forma que gostaria de ser respeitado.

Agradeço também a minha amiga especial Thuani Ceroni (Thuty) por ser a pessoa que melhor me compreendeu no curso desde meu retorno do intercâmbio, e aquela pessoa que sempre esteve por perto para me ajudar e tirar minhas dúvidas.

Aos amigos e colegas Taison Furtado e Thiago por toda esta nossa trajetória de amizade e companheirismo dentro e fora dos grupos de dança.

Ao meu amigo e que no qual veio a se tornar um grande irmão, Lasier Almeida, valeu pela confiança, ajuda e ensinamento sobre ser humilde e jamais desistir, valeu.

Aos meus amigos da dança e meus ex-alunos que hoje são grandes amigos.

Aos meus amigos que fiz nesta longa jornada dentro da universidade.

A todos, meu respeito, carinho e muito OBRIGADO por tudo!

“Evoluir é preciso, mas manter a autenticidade é fundamental. Respeite os criadores. Você só dança porque eles foram fundamentais”.
Frank Ejara

RESUMO

MACHADO, Carlos Eduardo Motta. **DANÇAS URBANAS: busca de identidade e transformação do jovem contemporâneo**. 2013. 55f. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Graduação em Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este trabalho visa apresentar um projeto que surgiu do questionamento, desejo particular e dúvidas sobre a contribuição das Danças Urbanas com os jovens praticantes. Procurando assim, fornecer informações sobre seu contexto histórico, seus gêneros e subgêneros, mas também descobrir de que forma ela atua nos diversos espaços que hoje se encontra inserida. Este mesmo tem por objetivo compreender de que forma este gênero que surgiu das periferias pode influenciar e transformar o jovem praticante. A partir de leituras feitas sobre o gênero Danças Urbanas, pude perceber uma peculiaridade quando o assunto é a relação entre identidade, prática social e o jovem adolescente. Todavia, esta vertente hoje faz parte também da clientela fitness, e com isto, os jovens passaram a dançar não só nas periferias, mas também nos centros urbanos de lazer e cultura, mostrando assim o crescimento da cultura e a inclusão das Danças Urbanas em espaços diferenciados. Sobretudo, as Danças Urbanas mostraram seu potencial com o jovem praticante em possibilitar ao mesmo uma autoafirmação e autoconhecimento do mesmo como sujeito.

Palavras-chave: Danças Urbanas, Transformação, Identidade, Jovem, Trajetória.

ABSTRACT

MACHADO, Carlos Eduardo Motta. **URBAN DANCE: search for identity and the transformation of contemporary young**. 2013. 59f. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Graduação em Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This monograph presents a project that emerged from questioning particular desire and doubts about the contribution of Urban Dances with young practitioners. Looking to provide information about its historical context, its genres and subgenres, but also figuring out how it works in different areas which is now inserted. This also looks to understand how this genre that emerged from the periphery can influence and transform the young practitioner. From readings about Urban Dances, I realized the peculiarity when about the relationship between identity, social practice and the young teenager. However, this aspect is also part of today's fitness clientele and with that, the young teenager began to dance not only in the periphery but also in the urban centers of leisure and culture, showing the development of culture and the inclusion of Urban Dances in different spaces. Above all, Urban Dances showed his potential with the young practitioner in enabling even a self-affirmation and self-knowledge even as the subject.

Keywords: Urban Dances, Transformation, Identity, Youth, Trajectory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Eu no colo da minha mãe com meu 1º ano de vida.....	31
Figura 2	Mostra de Dança da Cia da Dança.....	31
Figura 3	Momento de descontração e fotos.....	33
Figura 4	Viagem ao Festival Internacional de Hip-Hop em Curitiba com o Grupo Piratas de Rua.....	33
Figura 5	Apresentação na FENADOCE (Feira Nacional do Doce de Pelotas), representando o Grupo Art Urbana.....	34
Figura 6	Festival de dança de Joinville.....	35
Figura 7	Eu com meus 3 sobrinhos.Foto de despedida antes de ir para Portugal.....	35
Figura 8	Minha chegada à Universidade de Coimbra.....	35
Figura 9	Foto de Formatura do Curso de Estudos Artísticos da Universidade de Coimbra.....	36
Figura 10	Eloisa, eu e Mariana - Festa de aniversário dos meus 29 anos.....	37

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	DANÇAS URBANAS – BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	13
1.1	O QUE É?.....	15
1.2	Gêneros e Subgêneros.....	17
1.2.1	Locking.....	17
1.2.1.1	Subgêneros da Dança Locking.....	19
1.2.2	Popping.....	19
1.2.3	B.boy (Breakboy).....	20
1.2.4	House Dance.....	20
1.2.5	Hip-Hop Freestyle.....	21
1.2.5.1	Subgêneros do Hip-Hop Freestyle.....	21
2	ESPAÇOS HÍBRIDOS DE CULTURA.....	22
3	TRAJETÓRIA: Da Periferia para os grandes Centros Urbanos...	26
3.1	Caminhos de uma dança.....	26
3.2	O autorretrato de uma vivência.....	32
4	CULTURA, CORPO E EXPERIÊNCIAS.....	38
4.1	Transformações, Corpos e Identidades.....	39
4.2	CONCLUSÃO.....	45
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
6	APÊNDICES.....	52
7	ANEXOS.....	55

INTRODUÇÃO

Ter a oportunidade de falar e escrever sobre as Danças Urbanas para quem é aluno, bailarino, coreógrafo e pesquisador desta área torna-se uma tarefa muito agradável, pois me faz expressar as sensações e sentimentos que esta dança me proporciona. Dançar é uma maneira minha de poder expressar através do corpo o que sinto, e este trabalho busca através da escrita, expressar minha admiração, respeito e vontade em contribuir com as Danças Urbanas.

Através das experiências obtidas em projetos sociais, grupos independentes, eventos e pesquisas universitárias, pude identificar em muitos jovens praticantes das Danças Urbanas uma mudança em suas vidas. Jovens inseridos em diversos espaços sob um mesmo tema, as Danças Urbanas.

É com base nesta relação que o trabalho irá centrar-se, buscando compreender a aproximação entre a busca de identidade e transformação do jovem contemporâneo através das Danças Urbanas. Contudo, levando em consideração sua história e procurando compreender o grande número de adeptos das Danças Urbanas. E sob este viés me surge a pergunta: a que tipos de mudanças esta sujeito o jovem praticante das Danças Urbanas?

Nesta perspectiva, me coloco também como um ponto de partida ao relatar minha trajetória nas Danças Urbanas, trazendo no texto pontos importantes que marcaram minha vida, assim como minha situação atual onde noto um crescimento obtido através das diversas experiências que as Danças Urbanas me propuseram.

Um dos fatores para a realização deste projeto é a de que as Danças Urbanas são um tema pouco abordado nas pesquisas acadêmicas, uma dança capaz de transformar a sociedade e aquele que nela está inserido. Contudo, acredito que este tema possui seu potencial social se implantadas dentro das escolas (mesmo através de projetos), sobretudo, por seu significado valor educacional, pois, através deste gênero o professor poderá adentrar em temas relacionados à autoestima, cultura popular, cultura negra, entre outros.

Pretende-se a partir deste estudo, buscar uma compreensão referente às Danças Urbanas, sua influência nos jovens e o que faz das Danças Urbanas serem urbanas. Contudo, o jovem a ser citado neste trabalho é aquele que pensa em sua inserção na cidade, seus modos de identificação, suas demarcações de espaços, o modo como se inventam e suas posturas afirmativas, alterando assim os espaços urbanos onde se encontram inseridos.

O estudo tem como principais instrumentos, a pesquisa bibliográfica, fotos, questionário, vídeos, e a autopesquisa. E para uma melhor obtenção das informações referentes às Danças Urbanas, serão utilizados livros, monografias e publicações. Dentre alguns autores, as leituras do livro escrito por Rafael Guarato: *Dança de Rua – Corpos para além do Movimento*, irão servir como base histórica das Danças Urbanas, a monografia feita pela professora coreógrafa em exercício pela UFPel, Catia Carvalho: *Neguinhas Calça Larga – Corpos dançantes nas identidades e diferenças* e a dissertação de Ana Reckziegel: *Dança de Rua: lazer e cultura jovem na Restinga*, além claro das entrevistas e publicações feitas por Frank Ejara sobre as Danças Urbanas. Estas foram algumas das referências a serem utilizadas neste trabalho.

Acredito que com a realização deste trabalho, ele possa trazer o interesse pelo conhecimento das Danças Urbanas, sua história e a valorização aos próximos que virão a pesquisar, ajudando assim em uma melhor obtenção de informações referentes a esta vertente.

Sobretudo, este trabalho surgiu da vontade particular própria que veio a se transformar com o decorrer dos anos e através das oportunidades adquiridas, buscar uma maior dedicação e empenho a fim de emancipar o conhecimento das Danças Urbanas.

Este trabalho foi construído da seguinte forma: No Capítulo 1 serão centrados os aspectos históricos e o que é as Danças Urbanas, falando um pouco sobre seus gêneros e seus subgêneros; já o capítulo 2 será um capítulo referente aos espaços onde esta dança está inserida, estas informações serão destacadas com base nas minhas experiências próprias nestes espaços. No 3º capítulo, a trajetória estará em pauta, neste capítulo irei aprofundar através de minhas experiências a trajetória das

Danças Urbanas e a minha própria trajetória, buscando uma relação para iniciar o próximo capítulo.

No 4º e último Capítulo, o capítulo onde serão abordadas as questões da própria pergunta da pesquisa, onde estarão as informações sobre as transformações e relatos obtidas através de um questionário imposto a bailarinos praticantes.

1. DANÇAS URBANAS – BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Entendo que falar em Danças Urbanas é falar de danças que surgiram do povo num espaço informal, utilizando-se da cultura local somada as suas raízes, ou seja, seu termo veio a ser utilizado pelos americanos por se tratar de algo não acadêmico. Segundo Vargas (2003), as primeiras manifestações das Danças Urbanas se deram na década de 20. Contudo, esta manifestação retornaria cerca de 30 anos depois.

Em um dos trechos da entrevista dada a Revista Guia da Escola sobre o início das Danças Urbanas, Frank Ejara reforça esta hipótese:

Nos anos trinta, a comunidade negra americana criou sua própria técnica de percussão com os pés através da influência do sapateado irlandês, somando assim, com suas danças que vinham de suas raízes africanas, originando assim as Danças Urbanas. Contudo, já nesta época a maneira correta de se chamar estas danças criadas pelos povos era Street Dances, chamadas assim no plural por se entender que não existe apenas uma Street Dance, mas sim vários estilos que carregam este rótulo (EJARA apud GRANDI, 2010, p. 20).

Outro viés ressaltado por Colombero (2011) descreve as primeiras aparições das Danças Urbanas em meados de 1960, como uma forma de crítica realizada pelos praticantes ao expressarem em suas performances movimentos robóticos que significavam a substituição do homem pelas máquinas, outro fator ocorrido na mesma década foi à guerra do *Vietnã*, que serviu como fator para que as movimentações apresentadas lembrassem os soldados que voltavam da guerra “quebrados” ou “mutilados”. Fochi também reforça este ponto de vista, “Os primeiros

breakers que dançavam nas periferias de *Nova York*, na década de 1960, faziam-no com intuito de protestar contra a guerra do Vietnã” (FOCHI, 2007, 63).

A necessidade de identificar ou mesmo reconhecer, faz com que busquemos formas para definir aquilo que está exposto, ou seja, as Danças Urbanas quando começaram a se destacar aos olhos daqueles que as viam precisaram de uma identificação, uma marca, um rótulo. Assim sendo, a dança da Cultura Hip-Hop, ou seja, o Breakin entre outras danças como o Popping, Locking, etc., passaram por algumas designações. Nos anos 80, o Breakin quando visto nas ruas pela mídia, foi rotulado de Breakdance, pois se achava que ela tinha sido criada em um único lugar e por uma única pessoa, não havia um entendimento que havia uma cultura em torno desta dança e que não se tratava de uma manifestação isolada; já nos anos 90 esta mesma veio a se chamar de *Street Dance* pelas academias de dança.

Mas afinal por que *Street Dance*? Segundo Frank Ejara¹:

Street Dance numa tradução liberal para o português se entende por “Dança de Rua” e nos faz automaticamente deduzir que foi criada nas ruas, porém não foi esse o ambiente onde essas danças surgiram. No que se refere à tradução, Street Dance tem outro significado, significa que essas danças foram criadas pelo povo, algo popular, uma dança “não clássica”, “não acadêmica” (EJARA apud GRANDI, 2010, p. 20).

Levando em consideração as outras vertentes da dança também consideradas como Danças Urbanas, tais como o Jazz Dance e a Dança de Salão, meu trabalho estará focado nas Danças de Rua. E será com base nas informações obtidas de autores como: Guarato, Reckziegel, Arruda, Ejara, colombeiro, entre outros, que neste projeto vou chamar de Danças Urbanas estas várias manifestações. Sendo assim, esta é a melhor maneira para se agregar todos estes estilos que surgiram nas ruas e hoje fazem parte de espaços diversos. Entende-se por Danças Urbanas nos dias atuais, estilos como: *Locking, Popping, Breakin, Waacking, Vogue, House Dance, Hip-Hop Freestyle, Ragga Jam e Krump*. Lembrando que alguns destes possuem uma subdivisão, ou seja, ele é analisado como um gênero que possui mais que um estilo, assim sendo, um gênero dentro de outro gênero. Exemplo: Eu danço o gênero Popping, mas somente o subgênero/estilo Tutting e não o Animation.

¹ Dançarino, coreógrafo e diretor da Cia Discípulos do Ritmo – SP e pesquisador das Danças Urbanas.

Contudo, alguns destes como é o caso do Breakin, estiveram atrelados a Cultura Hip-Hop, já que esta é agregadora de quatro elementos como o DJ, o MC, o Graffiteiro e o B.boy. Com a evolução da cultura através dos anos, o Hip-Hop se estabeleceu como movimento com muitos adeptos e o Breakin foi se dissociando da cultura Hip-Hop, mas ele pode ser visto tanto dentro do movimento quanto fora dele, buscando assim novos caminhos a fim de alcançar novos públicos.

Para os adeptos da cultura Hip-Hop, as Danças Urbanas sempre estiveram presentes e ligadas a este movimento, podendo-se dizer que as mesmas nos dias atuais atuam como um gênero agregador de diversas tribos urbanas² com suas diversas culturas. Tribos estas que contam com jovens que procuram demarcar seus lugares no tecido social e nas próprias práticas, com intenso investimento na criação de estilos, expressando através do corpo muito dos seus referenciais identitários.

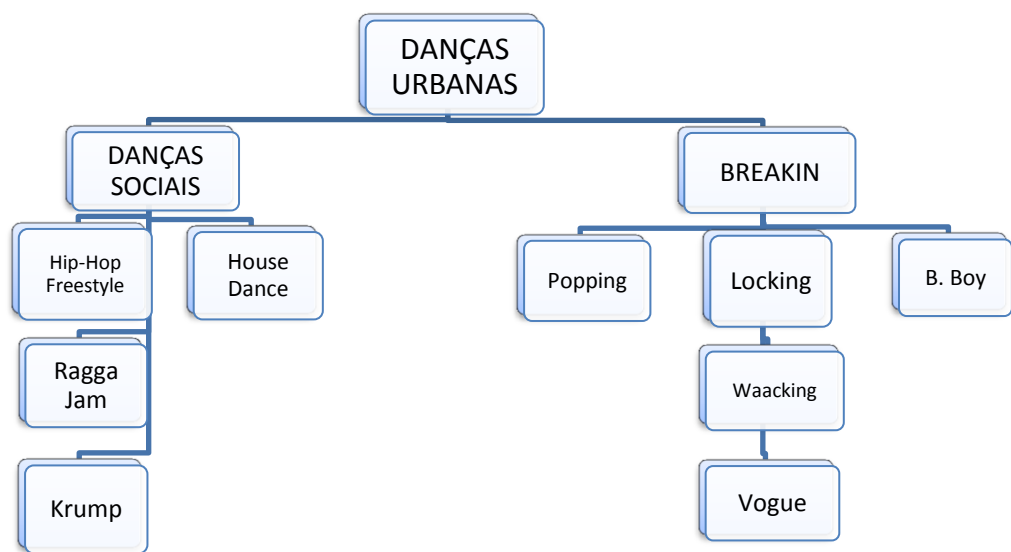
1.1 O QUE SÃO DANÇAS URBANAS?

Para uma melhor compreensão referente aos estilos que constituem as Danças Urbanas nos dias de hoje, foi elaborado um organograma com base nas informações obtidas de autores e pesquisadores como: Guarato (2008), Ejara (2010), Reckziegel (2004), Colombero (2011), entre outros que sustentam uma hierarquia do gênero e seus subgêneros em seus textos.

Este organograma está organizado de maneira hierárquica, mostrando de forma dividida os gêneros e subgêneros que compõem as Danças Urbanas. Sendo as Danças Sociais aquelas que foram criadas nas festas e o Breakin as danças que foram criadas nas ruas das periferias.

Os subgêneros serão pautados como novos estilos surgidos através da influência de um gênero, como é o caso do *Waacking* que inicialmente se utilizou das movimentações do *Locking*, porém de forma satirizada.

² Trata-se apenas de redes de amizade pontuais, que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que dado grupo tem de si mesmo (COUTINHO, apud FOCHI, 2007, p. 66).



1.2 Gênero e Subgêneros

De acordo com minha trajetória e informações obtidas³ através da literatura pude observar e identificar que dentro das Danças Urbanas existem gêneros e subgêneros criados através da influência da música ou movimentação de cada gênero específico.

1.2.1 *Locking* – antes de falarmos sobre o Locking, devemos de falar sobre a música que serviu como válvula de escape para o surgimento desta dança, assim sendo, falar do Funk é essencial para entendermos como que este gênero influenciou o surgimento desta dança.

De acordo com Bahiana (2005), a música das populações negras urbanas nos Estados Unidos da América (EUA) sempre existiu como um mercado de contornos definidos e que por diversas vezes ultrapassou as barreiras do mercado branco. Funk/Funky é um termo que começou a ser usado entre os músicos negros norte-americanos (especialmente em Memphis e Detroit) para aquela música que possuía um ritmo mais suave, sexy, com frases repetidas e principalmente dançantes. Esta palavra já aparecia num jazz de Mezz Mezzrow⁴ “Funky Butt”, porém a palavra Funk era considerada uma palavra indecente e inapropriada para uso de conversas educadas.

O Funk teve origem na metade dos anos 60, após os músicos afro-americanos criarem uma nova forma de música rítmica e dançante, música esta com raízes nas canções de trabalho, nos spirituals, nos gritos de louvor, no gospel e no blues. Um gênero que se originou através da mistura entre a *Soul*, *Jazz* e o *Rhythm and Blues* (R&B).

O Funk só passou a ser um gênero distinto através das inovações de James Brown. Brown mudou a ênfase do Soul tradicional para uma ênfase associada à música dos brancos, porém com uma forte presença dos metais, o Funk tinha o uso do instrumento musical baixo como peça central nas suas músicas, mas também se utilizava da bateria em seu ritmo intenso e forte, e mesmo utilizando

³ Dança de Rua / história. Ver em: <http://www.dancaderua.com/história>.

Nelson Triunfo. Ver em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Triunfo.

Grupo Elite Force Crew. Ver em: www.eliteforcecrew.com.

⁴ Saxofonista e trompetista da banda Ilinois. Ver mais em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MezzMezzrow>.

os acordes estendidos encontrados no Bebop jazz, como acordes menores com sétima, o Funk praticamente abandona as mudanças dos acordes, criando assim a estética de um único acorde com uma sensação e condução rítmica. As músicas de Funk distinguem-se das músicas do R&B por utilizarem apenas um acorde diferente do R&B que é centrada nas progressões dos acordes.

Contudo, voltando à dança e sobre seu papel influenciador, o Funk gerou muitas danças sociais criadas nas festas, mas o Locking em especial foi a que mais ficou marcada na sua história. Considerado a dança original das Danças Urbanas, isto devido a ser uma dança que possui a sua nomenclatura e por ter sido a primeira entre as outras, o Locking serviu como influência para muitos outros novos estilos. Segundo Ejara (2010), o Locking foi criado no final de 1960 por Dom Campbell, chamado assim por ter uma forma em particular de executar “passos de festas” (Social Dances).

Locking é uma dança clássica catalogada como a primeira dança urbana, caracterizada por movimentação rápida dos braços em música funk, assim como movimentos de “travar” os joelhos, produzindo a impressão de uma ruptura, congelando em certas posições e depois continuando rápido como antes (COLOMBERO, 2011, p. 2).

Nesta época dançava-se dançado o *Robot Shuffle* ou o *Funky Chicken*, danças estas que Dom Campbell se apropriou como base para enfim criar a sua dança. Conforme publicado em entrevista a revista Guia da Escola por Frank Ejara. “Depois do surgimento do Tap Americano, nenhuma outra dança surgiu com o rótulo de *Street Dance*, somente em 1969 o jovem Dom Campbell, dançarino de Los Angeles criou uma nova dança que passou a levar este mesmo rótulo”.

Dom Campbell criou em 1972 o primeiro grupo de danças urbanas coreografadas da história, o então chamado The Lockers, que inicialmente era os “*Campbellocking Dancers*” com, Dom Campbell, Greg Campbell Jr., Shabba Doo, Fluke Luke, Penguin, Slim The robot, Tony GoGo e Toni Basil.

O Locking passou a ser reconhecido devido ao programa *Soul Train*, onde acabou tendo vários adeptos desta dança e assim sendo, este estilo de dança foi transportado a outros países chegando ao Brasil no final dos anos 70.

1.2.1.1 Subgêneros da Dança Locking

- Waacking – criada nos clubes gays em meados da década de 1970, suas movimentações iniciais foram baseadas na dança Locking, porém feitas de forma bem feminina. Esta dança teve seu início como uma sátira do Locking, mas seus adeptos foram aumentando fixando assim o Waacking como a mais nova Dança Urbana dos anos 70. No filme *Breakin the Movie*, é possível ver estas movimentações feitas por Ana “*LOLLIPOP*” Sanchez. Para este estilo, a música apropriada é o disco-funk.

O waacking é uma dança que está em evidência, tem influência do jazz, movimentações de pernas, ângulo dos braços, é dançada com música funk, música disco, existem poucas pessoas que dançam, conheço Juju Ramos. São brasileiros que dançam e sabem o que estão fazendo. No começo as pessoas falavam que era uma forma homossexual de dançar locking, os homossexuais da época tentavam dançar locking e realizavam os movimentos de uma forma mais extravagante e acabou surgindo o waacking. Outros dizem que um dos componentes do “The Lockers” numa festa brincava, rachava e teve seus movimentos satirizados de forma feminina (GROOVE, apud COLOMBERO, 2011, p. 5).

- Vogue (Vouguing) – originalmente popularizada na década de 1980, esta dança é altamente estilizada. Assim como o Waacking, seu surgimento se deu nas boates gays, possui movimentações que lembram muito o Waacking, mas possui como base as pose e as caminhadas dos modelos da revista Vogue, para esta dança a música apropriada é a música eletrônica. E ela ganhou fama em uma das apresentações da cantora Madona em uma canção do mesmo nome. Recentemente é divulgada pelo grupo *Vogue Evolution*, entre outros.

1.2.2 Popping – este gênero foi criado por Sammy, mais conhecido como Boogaloo Sam em meados dos anos 70. Boogaloo Sam criou o grupo Eletric Boogaloo Lockers, “inspirado pelo Locking, Robotting e uma dança social chamada Jerk criou o Popping” (EJARA apud GRANDI, 2010, p. 21). Esta dança passou a influenciar outras danças e com isso novas movimentações a serem incorporadas, hoje o próprio estilo Popping possui às suas subdivisões de estilos, são eles: Pop, Boogaloo, Stroobin, Strutting, Animation, Tutting e Sfinge.

Contudo, esta mesma só veio a ter um reconhecimento mundial devido as performances do artista Michael Jackson.

Boogaloo Sam foi o criador da dança *popping*, tinha um grupo chamado Electronic Boogaloo Lockers, dançavam locking inspirados no “The Lockers”, com a música mais cadenciada e a caixa mais evidente, toda vez que Boogaloo contraía seus músculos ao realizar suas performances dizia pop, pop para dar a noção de explosão como uma pipoca, passando o grupo a chamar-se Electric Boogaloo (COLOMBERO, 2011, p. 5).

- 1.2.3 B.boy (breakBoy) - a sua primeira aparição foi na cidade do Bronx – NY entre jovens afro-americanos, uma dança que surgiu nas festas com a intenção de diminuir a violência dos bairros, uma nova forma de se confrontar através da dança. Subdividido em 3 movimentações básicas, como *Top Rock*, *Footwork* e *Freeze*, este é um dos estilos que sempre teve a competição como um fator positivo para a evolução dos bailarinos do gênero. Os anos 80 foram à década do “boom” para esta dança, afinal foi nesta década que filmes como o *Wild Style*, *Beat Street*, *Breakin I* e *II* foram lançados e com isto a febre se espalhou pelos quatro cantos do mundo.

Nos bairros do Bronx e Brooklyn existiam turmas chamadas de crew, que brigavam por disputa de territórios, faziam seu grafite na parede, vinha outra crew e fazia outro por cima, para mostrar “esse território é nosso, tem que estar com o nosso nome” e as brigas começavam, havia crew de grafite, depois viraram crew de dança, dançavam para disputar e conquistar território, quem perdesse não ocuparia mais aquele lugar.

Uma rivalidade conhecida era da New York Street Breakers X Rock Steady Bull, disputa tão famosa que ao lançarem o filme *Beat Street* era contada a história dessas duas crews. Existe uma cena em que os NYSB estão com uniforme azul e o RSB com o uniforme vermelho listadinho da Adidas, eles realizam essa batalha num clube. É uma das principais cenas do filme e foi uma das primeiras cenas de batalha de dança (SOUZA, apud COLOMBERO, 2011, p. 4).

- 1.2.4 House Dance – Com as músicas eletrônicas em alta nos anos 80, o House Dance era a dança do momento. O House foi criado nos clubes e na sua forma inicial não existia alguma movimentação clara que identificasse àquela dança, porém entre os improvisos e a inserção das danças sociais, as movimentações começaram a se tornar mais claras. Nos anos 90 grupos como Mop Top e Elite Force Crew levaram esta dança para os palcos e no Brasil a Cia Ritmos Family de São Paulo, coordenada por Edson Guiu, fez com que esta dança tivesse mais visibilidade nos eventos, surgindo assim concursos específicos sobre o gênero.

A dança house considerada dança de salto, se diferencia muito de todas as Danças Urbanas. O funk tem uma energia jogada, pulsando para cima, o house surgiu com o feeling para baixo, outra pulsação, outra influência. O movimento é executado para cima, enquanto o corpo está descendo, trabalha com muita movimentação de pernas (COLOMBERO, 2011, p. 5).

1.2.5 Hip-Hop Freestyle – estilo criado através das danças sociais (de festas) e trazido para cima do palco pelo grupo Elite Force Crew. As danças sociais começaram a fazer parte dos vídeos clipes como os de Mariah Carey, Michael Jackson, Usher entre outros. Edson Guiu da Cia Ritmos de Rua de São Paulo, foi o responsável por trazer esta dança americana para o Brasil e através de seus cursos, influenciar diversos grupos pelas diversas regiões do Brasil.

Foram tendo influência do locking, do popping, do break e principalmente das danças sociais e começaram dar forma livre para o corpo, criando a dança Hip-Hop Freestyle. O grupo pioneiro é o Elite Force Crew (Budda Stretch) que dançaram em vídeos clips de Mariah Carey, Michael Jackson, eram coreógrafos e se uniram (COLOMBERO, 2011, p. 5).

1.2.5.1 Subgêneros do Hip-Hop Freestyle

- Ragga Jam – influenciada pelo Dancehall, o Ragga Jam é uma dança afro-jamaicana misturada com Hip-Hop. Laure Couterllemont é a fundadora deste estilo que tem seus adeptos pelo Brasil. Esta dança teve sua maior repercussão pelas grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro e ainda hoje é possível de ver este estilo em coreografias de diversos grupos, mostrando assim que esta dança ainda continua presente entre os muitos grupos de dança do Brasil.
- Krump – criada a partir das movimentações dos confrontos entre as tribos africanas, o Krump teve uma passagem muito rápida pelo Brasil, não se tem indícios de como ele chegou ou quem foi o primeiro a levar para os palcos. Sobretudo vídeos na internet e até um filme documentário sobre esta dança foram feitos e se encontram disponíveis em sites especializados em Danças Urbanas.

2. ESPAÇOS HÍBRIDOS DE CULTURA

Falar em Danças Urbanas é falar de diversos espaços sociais e culturais onde estas danças estão presentes. Diferentemente do que nos EUA que tinham a dança como forma de manifestação política, estas danças chegaram ao Brasil como uma forma de diversão e lazer para os jovens praticantes.

Para a realização deste capítulo, serão levantados de forma breve os locais onde as Danças Urbanas estão inseridas: Projetos Sociais, Academias, Festivais de Dança, Escolas e Universidades. Chamado assim de Espaços Híbridos por serem espaços onde o público é misto de várias culturas e identidades. Estas informações foram levantadas com base em minhas experiências nestes diversos locais, deixando claro de que forma eu via esta dança acontecer.

- **As Danças Urbanas nos Projetos Sociais** – Os projetos sociais foram os primeiros nos quais tive a oportunidade de atuar como professor de dança. Todavia, os mesmos aconteciam na sua maioria nos bairros distantes da zona central de Pelotas.

As Danças Urbanas sempre tiveram aceitação do público presente nestes projetos e a atividade se dava na maioria das vezes, tal qual se programava, afinal, era um momento em que aqueles jovens teriam para descontrair e se divertir.

Dentre os projetos nos quais atuei, destaco o Projeto Chibarro Mix Cultural⁵ por ser um projeto que melhor agregava diversos projetos na Cidade de Pelotas. Este projeto agregava outros tantos projetos quando ainda estava em execução no ano de 2007, e era através dele que eu atuava como Agente Cultural⁶, onde ministrava as aulas de Danças Urbanas abertos para o público em geral.

⁵ Projeto desenvolvido pela professora da ESEF (Escola Superior de Educação Física) Eliane e que contava com outros grupos como: Cultural e Educacional Odara, a Banda União Democrata, o Grupo Piratas de Rua, a Banca CNR, os Projetos de Jornalismo Comunitário da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Futebol à Tardinha e Memória, Esporte e Cultura, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel e o Grupo Graffiti Energia Positiva.

⁶ Jovens vinculados ao Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural em situação de vulnerabilidade social e econômica atendidos por programas e ações do Ministério da cultura e Ministério do Trabalho e do Emprego.

Neste projeto se mantinha o Grupo Piratas de Rua⁷, grupo este que no qual fiz parte e que passou por diversos espaços ainda quando se constituía como grupo, como o próprio calçadão de Pelotas, a Escola Nossa Senhora dos Navegantes, Academias e por fim seu espaço no Projeto Chibarro.

- **As Danças Urbanas nas academias** – Inseridas nos anos 90, as Danças Urbanas vêm ganhando cada dia mais o seu espaço em meio ao Ballet e o Jazz Dance. Contudo, com o aumento dos festivais de dança que contam com o maior número do público nas noites de Danças Urbanas, muitas academias têm procurado valorizar mais as Danças Urbanas e trazer em seus espaços coreógrafos de outros estados para montar os trabalhos para estas competições.

Sobretudo, na maioria das vezes as Danças Urbanas estão inseridas nas academias com o objetivo de ajudar seus praticantes na sua forma física.

- **As Danças Urbanas nos Festivais de Dança** – Falar em Danças Urbanas é falar de diversos estilos de dança que hoje fazem com que este gênero seja cada dia mais híbrido e capaz de agregar multidões de tribos diferentes em espaços diferentes. Com a inserção e reconhecimento de novos estilos de dança, as Danças Urbanas têm tido um crescimento no qual começaram a ser criados eventos destinados somente a este gênero, como é o caso do Festival Internacional de Hip-Hop em Curitiba⁸, Meeting Hip Hop School Festival⁹, entre outros.

O que inicialmente se deu em espaços, como o do Festival do Triângulo Mineiro, hoje é encontrado em diversos locais, eventos, festividades.

⁷ Criado na metade de 2002 e que continha inicialmente cinco integrantes (Vovô, Lasier, Jorge, Jarrão e Gugu), percussor do Hip-Hop Freestyle na cidade de Pelotas e campeão de inúmeras competições de dança, tanto na região sul quanto fora dela. Tendo seu término na metade do ano de 2008 e hoje sendo retomado pelo dançarino e aluno do Curso de Dança-Licenciatura, Taison Furtado.

O Grupo Piratas de Rua participou do Projeto Chibarro Mix cultural no período de 2005 à 2007, tendo a oportunidade de se apresentar no Evento TEIA (minc) na cidade de São Paulo em 2006 e no Festival de Danças Urbanas Juste Debout na França em 2007.

⁸ Tendo seu início em 2002 no Teatro Opera de Arame, já somou números em sólido crescimento, registrando a passagem de mais de inúmeros bailarinos e espectadores. Depois o evento passou a ser sediado no Centro de Convenções do Shopping Estação até o ano de 2012.

⁹ É um evento voltado para a Cultura Hip-Hop e que ocorre nas cidades de Idaiatuba e Valinhos no estado de São Paulo.

Contudo, são estes eventos que proporcionam a troca de experiências entre as várias vertentes da dança, eventos que exploram diversas linguagens artísticas e que possuem gêneros do clássico ao contemporâneo, propondo assim diversas interações culturais entre os participantes.

- **As Danças Urbanas no Espaço Escolar** – As Danças Urbanas estão inseridas dentro do espaço escolar, através dos projetos inseridos nas escolas. Um projeto de dança escolar pode ser misto, afinal, este espaço poderá contar com professores do Jazz Dance, Afro, Contemporâneo, Danças Urbanas, etc. E com isto, poderá contar com diversas vertentes das danças no seu espaço. Atualmente atuo no Programa Mais Educação¹⁰, um projeto que conta com diversas atividades no turno inverso de suas aulas. Com as aulas de Danças Urbanas neste espaço, venho percebendo a forma que esta dança proporciona ao jovem praticante, pois naquele espaço a atividade se dá em conjunto com outras vertentes artísticas, já que Já na Escola Nossa Senhora dos Navegantes¹¹ – Pelotas, temos o grupo Trem do Sul¹², um grupo de referência nos dias atuais e que utilizam do espaço cedido pela escola para seus ensaios, junto disto, os alunos da mesma acabam assim procurando o grupo para aos poucos se inserirem.
- **As Danças Urbanas no Espaço Universitário** – As Danças Urbanas no espaço acadêmico é um tema que ainda está para ser pesquisado, já que o mesmo se encontra em processo experimental. Todavia, é possível fazer um levantamento sobre onde existe dança na Universidade, e então aprofundar a pesquisa sobre que dança é esta que está inserida naquele espaço. No Rio Grande do Sul é possível de destacar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

¹⁰ Criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

¹¹ Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, situada no bairro Navegante em Pelotas.

¹² Grupo dirigido e coreografado pelo Paulo Renato (Paulinho), criado na metade do ano de 2007 e campeão de diversos concursos, recentemente marcou presença no Festival de Danças Urbanas Juste Debout em Paris – França.

(UERGS) e a Universidade de Santa Maria (UFSM) possuem na sua grade curricular disciplinas diversas sobre a vertente da dança, entretanto, somente a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) possui como um projeto inicial, as Danças Urbanas. Uma iniciativa, que penso eu, poderá provocar o estímulo às outras instituições.

Estando presente no contexto escolar, a Dança de Rua é provida por meio de oficinas e competições saudáveis nos “rachas”. A Dança de Rua pode contribuir nas Universidades através de conteúdos referentes à dança, devido a sua grande aceitação nos meios educacionais, midiáticos e de entretenimento, sendo uma forma de dança de grande potencial, conteúdo e valia (VALDERRAMAS; HUNGER, apud SANTOS, 2011, p. 17).

Com a minha inserção nestes diversos espaços (projetos sociais, escolas, academias, festivais de dança e Universidade), tive o privilégio de observar de forma direta, como se dava esta vertente da dança nestes locais. Minha trajetória mostra meu papel nestes diversos espaços e em todos eles atuando como professor, oficineiro ou bailarino.

Sob este viés pesquisei outras opiniões a respeito de como se dão as Danças Urbanas nestes diversos espaços, e através de um questionário respondido por alguns praticantes desta vertente, obtive novos argumentos: para os alunos Taison Furtado¹³ e Tiago Meirelles¹⁴, as Danças Urbanas continuam tendo um crescimento e reconhecimento, mas falar sobre este gênero nos diversos espaços é um assunto a ser discutido. Porém o mesmo ainda enfrenta suas barreiras, já que o Ballet Clássico segue como uma dança elitizada e as Danças Urbanas, uma dança com seus diversos estereótipos.

Para Meirelles, o problema está no rótulo que é criado sobre aqueles que praticam as Danças Urbanas, deixando assim subentender que para fazer parte do gênero basta estar vestido com roupas largas, boné e correntes.

Quando falamos das Danças Urbanas, como de fato, parte da sociedade já pensa que esse tipo de gênero diz que é coisa pra bandido, marginal, maloqueiro, pobre, negro e por aí vai e que quem anda de roupa larga, bonezão, correntes, entre outros seria das Danças Urbanas¹⁵.

¹³ Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

¹⁴ Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

¹⁵ Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

A mídia em suas reportagens sobre as danças Urbanas já criam estes estereótipos, procuram em suas matérias associar a dança com a favela, com algo voltado somente para o jovem que é oprimido. Sobretudo, as Danças Urbanas possuem o papel da diversão, contribuição com a cultura local e valorização de um gênero pouco estudado, além da troca de experiências entre o professor e seus alunos.

Neste capítulo falamos em espaços, espaços onde a vertente dança está inserida, mais específico as Danças Urbanas, e, sobretudo, é correto afirmar que: segundo Carvalho (2007), a construção de identidades sociais e culturais tem se configurado devido as diferentes exposições dos corpos no território urbano, ou seja, o jovem possui um grande potencial de transformar e ser transformado pelo espaço onde está inserido.

3. TRAJETÓRIA: Da Periferia para os Grandes Centros Urbanos.

Partindo de pesquisas referentes às Danças Urbanas e minha autopesquisa, estabeleci alguns fatos históricos no presente capítulo, os quais poderá ainda obter díspares interpretações. A proposta aqui é evidenciar a trajetória das Danças Urbanas e a minha própria trajetória, buscando analisar as etapas entre seu processo inicial – levando como base os anos 80 até os dias atuais.

3.1 Caminhos de uma Dança

A década de 80 ficou marcada por ser a época em que as Danças Urbanas tiveram um grande crescimento e junto dela a Cultura Hip-Hop. Para as Danças Urbanas, foi essencial o surgimento de filmes como *Wild Style*¹⁶, *Beat Street*¹⁷, *Breakin I e II*¹⁸ e

¹⁶ **WILD STYLE**. Direção: Charlie Ahearn. EUA: Rhino Home Vídeo: Records, 1982. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

¹⁷ **BEAT STREET**. Direção: VHS, sonStan Lathan. EUA: Rhino Orion Pictures, 1984. 1 filme (106 min), son., color.

¹⁸ **BREAKIN THE MOVIE**. Direção: Joel Silberg. EUA: Canhão Films, 1984. 1 filme (90 min), VHS, son., color.

BREAKIN'2: eletric boogaloo. Direção: Sam Firstenberg. EUA: Cannon Pictures, 1984. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

*Flashdance*¹⁹ para uma melhor divulgação do gênero. Contudo, artistas como Michael Jackson e Madonna foram mais além, levaram para os grandes palcos as danças criadas inicialmente nas ruas, nas periferias ou mesmo em festas. Michael Jackson foi o maior divulgador da dança Popping, pois ela esteve presente em todas as suas performances, já Madonna se utilizava do estilo Vogue, inclusive uma de suas músicas possui o nome do estilo como single do seu álbum.

Foi nesta década que artistas pop americanos estavam marcando seus nomes na história, filmes com a temática da dança estavam em alta e seguindo seu ritmo, novelas brasileiras como, *Dancing Days* (1978) e *Partido Alto* (1984) influenciadas pela discoteca passavam em horário nobre, levando a cada telespectador o que estava acontecendo nas *discotecas* das grandes metrópoles. Em meio a isto, as Danças Urbanas e os jovens praticantes viriam a ser influenciados sobre a forte cultura dos anos 80, fazendo assim com que esta década ficasse marcada como a mais importante para os praticantes das Danças Urbanas.

Segundo GUARATO (2008), já sob as influências de filmes como *Grease*²⁰ e *Saturday Night Fever*²¹ (traduzido no Brasil como : Os Embalos do Sábado a Noite) os primeiros contatos com as Danças Urbanas se davam nas discotecas, algumas destas constituídas por um público que iam para mostrar no centro da pista suas habilidades com o corpo para que todos vissem. E foi através disto que foram criadas as rodas de dança, nomeada de *Roda de Funk*²².

Estas rodas de dança serviram como um fator positivo na evolução dos futuros grupos de dança, já que foi neste espaço que apareceram os primeiros integrantes e fundadores da Turma Jazz de Rua²³, Wesley da Rocha (Chocolate) e Ismael Gomes da Silva (Branca de Neve). Após participações em diversas competições das então Rodas de Funk nas discotecas, ambos decidiram criar um grupo independente visando à pesquisa da dança.

¹⁹ **FLASHDANCE**. Direção: Adrian Lyne. EUA: PolyGram Filmed Entertainment, 1983. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

²⁰ **GREASE: nos tempos da brilhantina**. Diretor: Randal Kleiser. EUA: Paramount Pictures, 1978. 1 filme (110 min), VHS, son., color.

²¹ **SATURDAY NIGHT FEVER**. Direção John Badham, EUA: Paramount Pictures, 1977. 1 filme (114 min) VHS, son., color.

²² Inicialmente chamada de Roda de Funk, hoje possui vários termos como: Roda de Breakin, Roda de B.boy, Roda de Freestyle, Rodão de improvisação.

²³ Grupo de Danças Urbanas formado em 1984, na cidade do Triângulo Mineiro.

É claro que não existia pesquisa sistemática de dança naquela época, as informações eram poucas, o acesso a elas era muito complicado, tudo que sabia-se de dança até então, viera por meio de televisão, que poucos tinham, e de ver outras pessoas dançarem (GUARATO, 2010, p. 58).

Segundo esta citação, já é possível perceber a necessidade de buscar uma pesquisa referente à dança, mesmo que ela fosse através das informações midiáticas disponíveis.

Guarato (2008) ressalta que, a turma Jazz de Rua foi responsável pela inserção das Danças Urbanas nos Festivais de Dança do Triângulo Mineiro. Com seu crescimento e a busca pelo conhecimento, o grupo começou a participar dos eventos de dança e com isto foi responsável pelas primeiras transições do rótulo Danças Urbanas nos festivais de dança, já que o grupo se utilizava de movimentações específicas do Jazz Dance e o Breakin.

Na década de 90 as Danças Urbanas estavam passando pela sua primeira transição. Uma nova modalidade se fazia presente nos festivais de dança devido à Turma Jazz de Rua. Segundo Guarato (2008), com a dificuldade encontrada pelos jurados de julgar as Danças de Rua apresentadas na modalidade Jazz, fez com que em 1992 fosse criada a modalidade *Jazz de Rua*:

nomenclatura estratégica utilizada para classificar aquela nova forma de dança. Sob este viés, e no mesmo ano, a modalidade Jazz de Rua já fazia parte do VI Festival de Dança do Triângulo Mineiro (GUARATO, 2008, p. 115).

Alguns anos depois, com o surgimento do grupo Dança de Rua do Brasil da cidade de Santos, uma nova forma de dançar as Danças Urbanas foi vista:

com o surgimento de técnicas acadêmicas bem acabadas na dança de rua, as próprias academias de dança, que detinham os conhecimentos de tais técnicas, passaram a inserir dentro de seus espaços, aulas de dança de rua (GUARATO, 2008, p. 180).

Fator este que serviu também como transição/mudança das Danças Urbanas.

O Dança de Rua do Brasil diferenciava-se dos demais grupos que também se utilizavam do jazz em suas coreografias, pelo simples fato de saberem executar o Jazz Dance como manda seus conformes.

O Dança de Rua do Brasil detinha de elementos identificáveis como sendo de dança de rua, como força e energia. Todavia o mais importante é que os grupos de dança de rua da cidade mineira burlavam com jazz desde o início da década de 1980, mas só que não frequentavam a academia, dançavam na rua, a movimentação, técnica, gestos, postura, deslocamento espacial do jazz eram reconhecidos e identificados por esses grupos, possibilitou aproximações estéticas (GUARATO, 2008, p. 161).

Com a modalidade de Danças Urbanas se expandindo, academias adotaram o rótulo *Street Dance* em seus espaços, divulgando assim aquela dança que até então era tratada como “algo exótico, separado e estático, uma dança à parte na sociedade” (GUARATO, 2008, p. 109). Como algo que surgiu nas ruas e pelo povo, as Danças Urbanas serviam como forma de entretenimento e diversão, servindo assim como uma busca da comunidade para novas implementações culturais para os jovens.

Street Dance numa tradução liberal para o português se entende por “Dança de Rua” e nos faz automaticamente deduzir que foi criada nas ruas, porém não foi esse o ambiente onde essas danças surgiram. No que se refere à tradução, Street Dance tem outro significado, significa que essas danças foram criadas pelo povo, algo popular, uma dança “não clássica”, “não acadêmica” (EJARA apud GRANDI, 2010, p. 20).

Em 1996 é adotada pelo X Festival de Dança do Triângulo Mineiro a nomenclatura *Dança de Rua*, este termo viria a substituir a nomenclatura Jazz de Rua adotada em 1992 pelo evento. Enfim, depois de muitos esforços, as Danças Urbanas aqui levando em destaque o Breakin, estavam também em destaque em meio a outras modalidades já existentes como Jazz Dance, Contemporâneo e Ballet Clássico. Entretanto ainda existia certo desconforto daqueles que iniciara as Danças Urbanas nos anos 80, onde o Locking, Popping e o B.boy estavam

presentes e agora percebiam que deveriam de adaptar-se à forma que estavam sendo apresentadas as Danças Urbanas nos palcos de competições.

O grupo Dança de Rua do Brasil veio a se firmar como grupo de referência das Danças de Rua na metade dos anos 90 pela sua maneira de apresentar suas coreografias, com energia, explosão e movimentações sincronizadas, deixando o grupo mais homogêneo. Mas por mais que existisse ali a forma original que se iniciou nos Festivais do Triângulo Mineiro, o que incomodava alguns dos concorrentes era a linha acadêmica utilizada pelo grupo.

[...] esqueceram suas origens de rua mesmo e começaram a querer dança na ponta dos pé e pulá pra cima e abri as perna, coisa de academia e que eu não sei nem o nome, e fazê giro com eixo num sei o que, e postura e sincronismo, sabe? [...] esse grupo pra mim acabou com a dança de rua no Brasil. Porque a verdadeira dança de rua é aquilo que era próprio das pessoas, que era aquele estilo que num era formado, desenhado dentro da academia, aquela coisa realmente de estilo, num importava se você dançava com a mão fechada ou mais aberta que o outro (SILVA. apud GUARATO, 2008, p. 179).

Contudo, o estilo formado pelo grupo Dança de Rua do Brasil continuou entre o período de 1995 a 2000, e suas aparições em diversos programas de televisão e eventos serviram como divulgadores do seu estilo, assim sendo, copiados por muitos grupos, inclusive na cidade de Pelotas. Todavia, já nos anos 2000 profissionais da dança começaram a buscar fora do Brasil novas informações sobre as Danças Urbanas, cito aqui o coreógrafo e diretor do grupo Ritmos de Rua, Edson Guiu, por ser o coreógrafo mais influente no início dos anos 2000 o qual trouxe ao Brasil o estilo Hip-Hop Freestyle.

No início dos anos 2000, novas formas de se dançar as Danças Urbanas estavam sendo apresentadas nos festivais de dança. Otávio Nassur coreógrafo e diretor do Dance & Concept, já era conhecido por seguir uma linha diferente e que muitos chamavam de vídeo dance, pelo simples fato de suas coreografias lembrarem o vídeo clipe no início dos anos 2000; Já Edson Guiu, coreógrafo e diretor do grupo Ritmos de Rua (grupo este viria a ter novos grupos vinculados com o nome de Ritmos Base e Ritmos Family) foi um dos coreógrafos mais influentes

para diversos grupos de Danças Urbanas, já que este trouxe ao Brasil o Freestyle Hip-Hop Dance²⁴.

Neste mesmo período, os grupos de Danças Urbanas da cidade de Pelotas costumavam usar o termo “linha de dança”, quando se tratava do estilo de dança a seguir, ou seja, os grupos que utilizavam de movimentações acrobáticas, e do jazz dance eram grupos que seguiam a linha Marcelo Cirino, já os que montavam coreografias que lembrassem as Otávio Nassur, contudo, aqueles que utilizavam de músicas de Hip-Hop com batidas pesadas e marcadas em suas coreografias eram ditos como grupos que seguiam a linha Edson Guiu.

Seguindo estas influências, meus trabalhos voltados à competição detinham resquícios da linha do Marcelo Cirino, Otávio Nassur e Edson Guiu. Contudo, meus trabalhos vivem em um processo de construção diária e compreensão histórica sobre o gênero, já que é sempre importante para uma melhor compreensão e execução do mesmo. Este capítulo é fundamental para que eu possa escrever também sobre minha trajetória no mesmo período e posteriormente para argumentar melhor sobre as influências destes gêneros com os jovens, já que me coloco como um dos que foi muito influenciado por todo este processo de descobrimento, entendimento e reconhecimento das Danças Urbanas como cultura.

Já nos anos 2000 e com aparecimento de novos estilos, o termo Danças Urbanas se firmou, agregando novos ritmos, gêneros e estilos e trazendo para si, diversas tribos que possuem de uma forma ou outra, uma identificação com o gênero.

3.2 O autorretrato de uma vivência

As minhas primeiras observações das Danças Urbanas se deram desde cedo. Uma família envolvida com diversas culturas e gostos. Uma casa que agregava cerca de 15 pessoas entre primos e tios, cada um com seu gosto, cada corpo com seu diferencial e que viria influenciar em cada um de nós que ali morávamos.

²⁴ Estilo criado pelo Grupo Elite Force Crew (EUA) nos anos 90 e influenciador de diversos grupos por todo o mundo, mais informações em: www.eliteforcecrew.com.



Figura 1 Eu no colo da minha mãe no meu 1º ano de vida.

Em meados dos anos 90, aos meus oito anos de idade, minha maior influência era meu tio Antônio Machado, o mais novo entre nove tios e aquele que procurava ensinar a seus sobrinhos cada passo de dança, fosse o Funk ou as coreografias feitas nas festas que frequentava.

Meu tio ainda era adolescente na década de 80 quando vivenciou todo um período em que a cultura negra estava fortemente nas discotecas, nos programas de televisão e nos shows. E foi através dele que tive meus primeiros contatos com as Danças Urbanas, mais precisamente o *funk* e as influências musicais da época como: Michael Jackson, Madonna e James Brown.

Contudo, essas referências dos anos 80 me serviram para vivenciar a cultura da Dança Urbana, mesmo quando não havia uma compreensão clara sobre o que seriam aquelas manifestações e performances artísticas. Mas foi no início dos anos 90 que melhor me identifiquei com o artista Michael Jackson, e que surgiram as primeiras curiosidades em relação ao Breakin ao assistir o grupo Dança de Rua do Brasil em suas aparições nos programas de televisão.



Figura 2: Mostra de Dança Cia da Dança.

Estas influências serviram não só para mim, mas para meus familiares e amigos, servindo assim como um fator importante na criação do primeiro grupo de dança que fiz parte, o Grupo Consciência Negra²⁵, um grupo de nove amigos, todos emergentes das periferias da cidade de Pelotas e que se uniam apenas para um fim: fazer apresentações de Breakin nas festas.

²⁵ O grupo surgiu inicialmente no final dos anos 90 entre meus amigos e familiares moradores do mesmo bairro em Pelotas. O grupo se manteve por alguns meses, mas com a única pretensão de se reunir para dançar junto nas festas. Este mesmo nos dias atuais é conhecido como CNR (Consciência Negra Rappers).

Contudo, foi somente com a minha primeira oportunidade nos ano 2000 dentro de uma academia de dança, que pude conhecer a dança na sua forma coreográfica²⁶ e ter minhas primeiras participações nos palcos de competições.

Sobretudo, já no ensino médio e após ter participado de alguns projetos sociais como oficina, comecei a ver a dança com um olhar mais profissional e algo a se levar para o futuro. Foi nos primeiros anos de 2000 que o trabalho voluntário com adolescentes se deu início, projetos como Escola Aberta, ASEMAS²⁷, PROSEPA²⁸, entre outros me serviram como experiência inicial para meus primeiros



Figura 3: Momento de descontração e fotos.

contatos com o público adolescente. Neste período já estava praticando as Danças Urbanas nas áreas mais centrais, percebendo a sua forma de trabalhar com o público mais elitizado que frequentavam as academias.



Figura 4: Viagem ao Festival Internacional de Hip-Hop em Curitiba com o Grupo Piratas de Rua. Foto no Parque Tanguá. (2005) - Acervo pessoal.

Por vezes me dividi entre diversas realidades num mesmo dia, pela manhã o projeto acontecia no prédio da Associação de bairro da periferia, à tarde meu trabalho era voltado com jovens usuários de drogas e a noite com o público de academia.

A atividade exercida nos três locais eram as mesmas, a aula era de dança e o gênero a ser ensinado era as Danças Urbanas. Dentre os três locais, percebi que o público das academias frequentava as aulas pelo ritmo da

²⁶ Por mais que a minha vivência desde novo eram nas festas blacks e de família, onde fazíamos passos de dança, só que comecei a ter uma noção sobre o que seria uma coreografia quando pude ver as apresentações do grupo Dança de Rua do Brasil nos programas de televisão. Ali pude ver algo mais estruturado e organizado diferente do que acontecia nas festas. Contudo, isto foi o diferencial para mim entre o que eu fazia com os amigos e o que comecei a aprender dentro da academia.

²⁷ ASEMA (Apoio Sócio-educativo em Meio aberto)- este projeto de iniciativa da Prefeitura Municipal de Pelotas por mais de um ano, mas na sua maioria com períodos de 6 meses e ocorria nas Associações dos Bairros das periferias de Pelotas. Participei no ano de 2002 a 2004.

²⁸ PROSEPA (Programa Social Educativo de Profissionalização de Adolescentes) – no qual é um dos projetos desenvolvidos na Brigada Militar e que busca trabalhar com o adolescente, dando-lhe disciplina, reforço escolar e preparar este jovem para o mercado de trabalho, tive a oportunidade de trabalhar no período de 2003 a 2010.

música, movimentação e no quanto esta dança poderia os ajudar na sua forma física. Já nos outros projetos sociais, o entusiasmo era ouvir uma música de Hip-Hop e saber que aquele era o momento de descontrair dos problemas.

Dentre os muitos projetos até então trabalhados, a Casa do Resgate²⁹ (2006) foi o que melhor me mostrou esta identificação entre o jovem da periferia e as Danças Urbanas. Um projeto que atuava com jovens em situações de risco, e que visava tirar o usuário de drogas das ruas inserindo-o novamente na sociedade, desta forma este jovem era acolhido em uma casa totalmente equipada e com profissionais para dar-lhe apoio.

Também nesta mesma época, pude perceber o bem que a dança fazia a minha pessoa, percebi que foi através dela que tive minhas inúmeras oportunidades de novos conhecimentos, foi através dela que me vi como um profissional em uma área artística e que dali sairia um professor para atuar em diversos locais, já que a mesma me colocava nestes diversos espaços.

A autoestima estava sempre presente e o prazer de fazer aquilo que se gosta me mantinha focado nos meus desejos e anseios. A busca pelo conhecimento andava lado a lado com o desejo de ser alguém, e o querer estar inserido dentro de uma universidade de dança surgiram no decorrer das atividades, projetos e viagens que a dança me proporcionou.

As experiências obtidas com outros projetos no decorrer dos anos, foram também fundamentais para minhas escolhas posteriores referentes à dança, ou seja, foi através dos projetos sociais que percebi a importância das Danças Urbanas para os jovens emergentes das periferias. Já que ao estar nestes locais pude perceber a situação não ocorria somente com os alunos, mas existia uma identificação direta da minha parte com o gênero. Pude perceber o papel das Danças Urbanas para os jovens e a capacidade de um gênero ser capaz de fazer com que este jovem se



Figura 5:
Apresentação na
FENADOCE (Feira
Nacional do Doce de
Pelotas).

²⁹ Este é um projeto da Prefeitura de Pelotas, que visa tirar o jovem usuário de drogas das ruas e o inserir novamente na sociedade, desta forma este jovem é acolhido a uma casa totalmente equipada e com profissionais para dar-lhe apoio.

sinta inserido no espaço, que haja uma identificação direta com a cultura e a criação de uma identidade pessoal.



Figura 6: Festival de Dança de Joinville.

Contudo, esta percepção estava mais além, pois esta identificação se mantinha com a minha pessoa já que eu também sou um morador da periferia de Pelotas, mais preciso no Bairro Dunas. Com isto, via participantes dos projetos os processos de transformação que aconteciam também comigo, seja a roupa influenciada pelo artista, a maneira de falar influenciada pelos amigos e os novos objetivos a serem traçados com o decorrer das novas experiências.

Sobretudo, no Período de 2003 a 2009 me mantive trabalhando na área da dança apenas entre os projetos sociais, escolas e academias. E foi em 2009 que obtive minha entrada na UFPEL, no curso de Licenciatura em Dança onde fui contemplado a outras novas oportunidades, desejos e objetivos.



Figura 7: Eu com meus três sobrinhos antes de ir para Portugal.

A busca pelo reconhecimento, status e desejo de crescer, fez com que me focalizasse sempre no meu desejo, que inicialmente era de me profissionalizar na área da dança. E foi através de um intercâmbio que um novo leque se abriu, uma cultura nova foi adquirido, e com isto novos desejos e vontades.



Figura 8: Minha chegada à Universidade de Coimbra. (2010) - Acervo pessoal.

Minhas atuações dentro do mundo da dança se davam através de conquistas adquiridas após muito esforço, o reconhecimento já não era mais um dos focos, mas sim o desejo de me completar como pessoa, e saber aproveitar cada nova ação que surgisse.

Aos poucos estavam sendo “comum” se programar para as próximas viagens. Com a minha inserção dentro de uma academia, uma série de apresentações já estavam marcadas para serem feitas, e por meio disto que pude ter minhas primeiras viagens

e conhecer estes locais. Inicialmente veio a ser para as cidades de Jaguarão, Rio Grande, São Lourenço, Herval, e posteriormente; Porto Alegre, Santa Maria, Gramado, Canela, entre outros da região sul. Estas foram às primeiras viagens e que abririam espaço para as novas que surgiram.

Todavia, foi a partir de viagens para eventos nas cidades de Joinville, Curitiba, Ribeirão Preto, Minas Gerais e Rio de Janeiro que percebi que o limite era imposto por nós mesmos, pois nossas escolhas é que nos levariam a lugares inimagináveis.

E foi através de uma escolha que este lugar inimaginável se fez presente. Três dias para se decidir entre se inscrever ou não, quatro meses para esperar o resultado da seleção, um mês para se organizar e juntar recursos para o passo inicial e por fim, dois anos de convivência com o novo, o diferente, o estranho. Portugal se fez presente, uma escolha, mil novas oportunidades. E aquele que reclamava quando pequeno para a sua mãe que nunca convidava para ir ao centro, hoje conheceu o outro lado do oceano.

Foi no ano de 2010, mais precisamente em julho que saiu o resultado daqueles que viriam a ser contemplados com uma bolsa de estudos pela CAPES para estudar por durante dois anos em Portugal. O programa chamado PLI (Programa de Licenciaturas Internacionais), é um programa em que o aluno contemplado deverá



Figura 9: Foto de Formatura do Curso de Estudos Artísticos de Universidade de Coimbra.

cumprir 1 ano do seu curso na instituição de origem, 2 anos fora do Brasil e o último ano na instituição de origem. Cumprindo assim a meta, o aluno deverá ganhar os diplomas das duas instituições após sua formatura.

E foi através da minha inscrição e dos processos de seleção que pude ser contemplado e experienciado estes dois anos da minha vida na Universidade de Coimbra.

Hoje além da dança, continuo com minha prática nas artes plásticas (desenhos a mão em camisetas) e agora somando a tudo isto, a prática da fotografia que tive a oportunidade de experimentar através da disciplina de Gêneros Fotográficos na Universidade de Coimbra.

As oportunidades surgem, estão a nossa frente, mas falta-nos enxergarmos tudo isto, primeiro veio à academia, depois os diversos projetos sociais, as escolas, a universidade e o mundo. Meu caminho tem sido escrito pelas minhas escolhas, todas de forma muito claras e conscientes. Mas o que será após o término do curso?, Bom, sei que o estudo continuará prevalecendo e que não fecharei os olhos para as novas oportunidades que virão.

E o Futuro?

Com a conclusão do Curso de Licenciatura em Dança da UFPEL uma nova etapa começará. Após ter tido a oportunidade de viajar por lugares nos quais jamais imaginaria como: Londres, Barcelona, Salamanca, Lisboa, Porto, Paris, Euro-Disney, Marrocos, entre outros. Novas possibilidades de viagens apareceram.



Figura 10: Eloisa, eu e Mariana - Festa de aniversário dos meus 29 anos. (2013) - Acervo pessoal.

Junto disto um novo amor, e é motivado por este amor que um novo objetivo foi traçado. O próximo rumo se dará na cidade de São Paulo, a grande metrópole que abriga diversos corpos, diversas marcas e atitudes, um espaço amplo e aberto para todos os gostos, e é visando isto que irei me arriscar e mostrar que o talento está em nós mesmos e a potencialidade só tendemos a aumentar com as experiências que adquirimos.

Sobretudo, levando em consideração as trajetórias pautadas no texto e principalmente a minha trajetória no qual hoje percebo um empoderamento nos meus argumentos quanto ao assunto Danças Urbanas. Percebo que as Danças

Urbanas possuem uma capacidade de mudar o jovem praticante de acordo com os desejos de cada um.

Por vezes o jovem que a pratica, não deseja ser um bailarino profissional, mas talvez deseja ser um professor de academia, de um grupo em específico ou mesmo de universidade (como é o meu caso). Contudo, é inevitável não notar mudanças claras como as mudanças de vestimenta, postura, maneira de falar e vontades.

Mas as mudanças estão também no conhecimento, a busca por novas experiências e valorização histórica da cultura. Sobretudo, as Danças Urbanas proporcionam ao jovem praticante um mundo cheio de novas experiências, vivências, acertos e erros. Porém, tudo isto cabe as escolhas com que cada jovem praticante fará durante o seu percurso, desde os seus primeiros contatos até a escolha final do que deverá seguir.

4. CULTURA, CORPO E EXPERIÊNCIAS.

Para a realização deste capítulo, levantarei um breve contexto histórico referente à Cultura Hip-Hop, já que esta agrega também o Breakin, como um dos seus quatro elementos e estilos que faz parte das Danças Urbanas como um dos seus quatro elementos. A proposta deste capítulo é de identificar que transformações podem sofrer os jovens praticantes das Danças Urbanas, bem como a forma que o meio influencia na busca por uma identidade cultural e que corpo é este que pratica este gênero.

4.1 Transformações, corpos e identidades.

Segundo Rose, a respeito dos elementos que constituem o Hip-Hop:

o Hip-Hop surge como base para a construção de uma identidade alternativa e social. (...) Essa identidade foi construída a partir de modas e linguagens, de nomes e ruas, e principalmente pela formação de grupos e turbas de bairro (1997 apud RECKZIEGEL, 2004, p. 48).

Atreladas à Cultura Hip-Hop, as Danças Urbanas estão presentes em muitos espaços, sejam eles culturais, escolares, de lazer, entre outros. Um gênero capaz de adaptar-se, incluir dentro de si outros gêneros, e fazer com que cada praticante enxergue nesta dança um pouco de si, sua persistência, vontade e dificuldade.

Neste caso as Danças Urbanas vêm reinventando o cenário social por onde surge, mostrando aos jovens, que é muito importante saber utilizar-se de suas vivências como forma de experiência. Trazer para dentro da dança “práticas corporais como o Samba, a capoeira, o futebol, o circo, a ginástica olímpica” (CARVALHO, 2007, p. 48), pois as Danças Urbanas podem ser constituídas destas várias vertentes, porém, utilizadas de formas diferentes.

Sobretudo, no Brasil a chegada da Cultura Hip-Hop, segundo autores como Vianna (1997); Herschmann (2000) deu-se por volta dos anos 80 nos bairros periféricos da cidade de São Paulo, depois no Rio de Janeiro, estendendo-se por todos os centros urbanos do país com o passar do tempo. Neste período, não existiam movimentos significativos voltados diretamente para o público negro da época, sobretudo, as primeiras manifestações deram-se na estação de Metrô São Bento e na Rua 24 de Maio no centro da capital, “destacando-se neste período as equipes de dança Funk & Cia³⁰, onde destaca o “pai” do Breakin nacional Nelson Triunfo, e a equipe de breakdance Jabaquara Breakers”. (RIBEIRO, 2006, p. 2).

³⁰ Grupo formado no final dos anos 70 e que influenciado pela mídia levavam para as festas os primeiros passos de Breakin.

A falta de estrutura e apoio fez com que os moradores da periferia buscassem novos meios de entretenimento e diversão, buscando assim recursos na própria comunidade para novas implementações culturais para os jovens.

Entendendo o espaço urbano como conflituoso, permeado por tensões, as quais são representadas através de interesses diversos, percebe-se evidências antagônicas entre o crescimento urbano e a falta de recursos capazes de propiciar condições mínimas aos moradores pobres, fazendo com que estes improvisassem formas de sobrevivência alternativas, encontrando diferentes modos de utilização desses espaços urbanos (GUARATO, 2010, p. 46).

Pensando a Dança dentro da Cultura Hip-Hop, ela tem se destacado entre os demais elementos, sua prática consiste em erros e acertos onde quem sabe mais ensina os que sabem menos. As Danças Urbanas praticadas pelos adolescentes vem de encontro à elevação da autoestima, inserindo-os no espaço cultural de sua comunidade, criando uma identidade para os adeptos dessa arte.

Os adeptos das Danças Urbanas na sua maioria são jovens, e o jovem praticante não reduz esta prática como algo passageiro, mas sim um processo influenciado pelo meio do qual ele faz parte.

A prática da dança pode vir a contribuir na mudança do comportamento dos jovens tais como: diminuição da violência, demonstração de alegria, prazer, entusiasmo, consigo e com o outro; obtenção de mudanças da postura corporal, direcionado pela fluência, amplitude e extensão dos movimentos. Em suas contribuições físicas estão à melhora da respiração e condicionamento físico, aumento da flexibilidade, fortalecimento dos músculos e ossos, melhora da coordenação motora, ritmo e o equilíbrio; desenvolvendo a conscientização corporal; e suas relações intra e interpessoal, fazendo com que a dança haja positivamente na sua contribuição para o aumento da autoestima (NANNI apud SANTOS; KOCIAN; JUSTINO, 2011, p. 74).

Com o surgimento das Danças Urbanas, veio à contribuição com os jovens das periferias, e não só com o divertimento, como também uma alternativa de sociabilidade, proporcionando aos praticantes o sonho de seguir em frente pensando esta dança como um meio profissional, status e colaboração com o meio onde está inserido.

Sobretudo, que jovem é este que pratica as Danças Urbanas? Tal resposta pode variar, já que é enorme o número de adeptos deste gênero.

Os jovens praticantes das Danças Urbanas têm marcado seus lugares na sociedade com suas próprias práticas, expressando através do corpo sua identidade cultural. Quando falo em identidade adquirida pela prática das Danças Urbanas, falo de práticas capazes de fazer com que surja uma identificação com o gênero. No meu caso é o gênero Funk dos anos 70, um gênero de grande admiração e identificação, o qual tem sido a fonte das minhas escolhas musicais em minhas aulas de dança.

Falar do corpo é falar, de nossa identidade dada à centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo, no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e, também, ao controle (GOELLER apud Carvalho, 2007, p. 33).

Segundo Carvalho (2007), a cidade é o espaço onde as identidades móveis são praticadas e influenciadas em locais de grandes produções, devido as diferentes formas de se ocupar os espaços.

Esta identidade é adquirida de acordo com o espaço que o sujeito esta inserido, as influências transparecem de vários modos e quando perguntados a que identidade cultural pertencem, alguns preferem não se comprometer com um gênero ou outro, já que muitos reconhecem as Danças Urbanas como uma dança que atua de forma ampla, capaz de agregar inúmeros adeptos.

“As Danças Urbanas é um conjunto muito amplo de expressões, é muito difícil se identificar com um único gênero, assim como as ruas das cidades as danças urbanas são uma pluralidade de influências diversas em cada um de seus gêneros e todos que conhece até então me fascinam, prefiro não me comprometer”³¹.

Já para Meirelles, a identificação clara com algumas artistas pop americanas influenciadas pelo mundo GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) junto com suas caracterizações transmitidas na dança Waacking o fazem sentir-se incluído.

³¹ FURTADO, Taison. Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

“Tenho uma forte identificação com um dos subgêneros, que seria o Waacking. Por causa do tipo de expressão que provoca e seu tipo movimentação, que é sempre espontânea, e porque, é aonde eu me caracterizo, onde se encontra características dinâmicas do mundo GLS com influência nas artistas e cantoras pop da América”³².

Para muitos dos jovens praticantes das Danças Urbanas, seus primeiros contatos se deram através da observação de amigos e da mídia. Todavia, o simples fato de prestigiar um dançarino ao vivo ou pela televisão, já servia como fonte de inspiração e identificação.

“Sempre tive contato nesse meio porque eu gostava muito de dançar, conhecia amigos que dançavam, e que quando possível me ensinavam alguns passinhos, também eu assistia vídeos (clipes), quando olhava alguém dançar e entre outras formas. Isso tudo, antes deu fazer parte no grupo de dança”³³.

Meu primeiro contato se deu através da observação como já mencionado no capítulo referente à trajetória. Mas foi nas movimentações do meu tio e nas músicas negras tocadas na sua rádio que tive minha primeira identificação. O som agradava aos ouvidos e aquela ação toda me prendia à atenção, principalmente quando quem estava na mídia era o artista Michael Jackson.

Na adolescência a dança servia como uma forma de diversão, entretenimento e status entre os amigos. “A brincadeira, como se percebe, ajuda a lidar com o erro, com a limitação de cada um”. (RECKZIEGEL, 2004, p. 137). E era desta forma que buscávamos ver nossos limites, usávamos o termo “brincar”, quando nas entrelinhas a competição já estava imposta.

Entretanto, é na minha adolescência que entre brincadeiras e experiências dentro das Danças Urbanas que surgiram às primeiras produções artísticas³⁴.

³² Meirelles, Tiago. Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

³³ Meirelles, Tiago. Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

³⁴ Entendo como produções artísticas os primeiros trabalhos coreográficos que fiz parte e que serviram para me encaminhar para futuras conquistas. Sendo capazes de me inserir em espaços pouco conhecidos, como: academias, espaços culturais do centro da cidade, eventos regionais/estaduais e por fim, a universidade.

Contudo, é nesta fase que a simples brincadeira começara a ser levada a sério e suas marcas culturais passaram a ser vistas de formas mais claras.

Tais transformações que as sociedades vêm passando decorrentes dos fenômenos da globalização implicam diretamente em mudanças nas relações sociais, o que se refletirá diretamente nas identidades culturais antes consolidadas (ARRUDA, 2010, p. 7).

Estas mudanças estão destacadas na forma em que o jovem se representa pelo espaço urbano, ele pode fazer parte da Cultura de Massa³⁵, Underground, Góticos, Rapper's, entre outros. Mas suas características estão expostas, e as suas vestes são as primeiras a serem notadas, ao olharmos já definimos (e às vezes de forma errônea) a que cultura ele faz parte.

As identificações não têm mais o limite imposto pelo geográfico, ou seja, a proximidade não se consolida mais como parâmetro definidor de homogeneidade cultural. (...) Desta forma, vamos vendo a formação de identidades a partir das múltiplas possibilidades de se pensar o mundo, de refletir, ou seja, pela forma como os indivíduos criam os seus estilos de vida e, a partir destes, suas identidades (ARRUDA, 2010, p. 7).

Como praticante das Danças Urbanas, as transformações foram se dando de acordo com as novas experiências obtidas. E com isto, a bagagem cultural familiar sempre permaneceu, e as novas vivências serviram e servem apenas para agregar os novos modos e maneiras adquiridos no decorrer dos anos.

Para o aluno Furtado, a transformação se deu já no seu ingresso junto ao Grupo Piratas de rua com seus 13 anos de idade. Foi através disto que ele se descobriu como artista e que através das possibilidades das diversas experiências teve a oportunidade de conhecer além das esquinas da periferia onde mora, hoje este mesmo é aluno dentro do Curso de Dança da UFPel.

Sobretudo, as Danças Urbanas contam com diversos corpos: corpos criativos, cênicos, performáticos. Corpos estes multifacetados de culturas variantes, onde

³⁵ Defino como Cultura de Massa, gêneros musicais como pagode, forró, funk, gêneros que estão diretamente nas mídias e que possuem uma forte influência nos jovens das grandes e pequenas cidades.

expressam de muitas formas resultados das vivências praticadas no seu cotidiano. Com isso, sua identidade cultural se constrói e se transforma a partir de diferentes grupos sociais.

5. CONCLUSÃO

Com esse trabalho, foi possível compreender o surgimento das Danças Urbanas e a sua evolução, de como ela saiu das ruas e conquistou seu espaço nos palcos dos festivais de dança, assim como, sua capacidade influenciadora naqueles que a praticam.

Desde o seu surgimento conforme alguns relatos, a identificação entre jovens praticantes com o gênero era constante, porém, foi através de um fator político que os primeiros praticantes das Danças Urbanas apareceram nas ruas. Todavia, somente 30 anos depois, com base na crítica política este gênero viria a se consolidar.

Com a influência da música negra, novos estilos das Danças Urbanas surgiram. O Jazz, a Soul e o Funk estavam nas rádios e as danças criadas dentro das festas tomando forma fora deste espaço, dando vida aos primeiros grupos de Danças Urbanas. Com isso novos adeptos surgiram e por consequência novas tribos se formaram.

Os gêneros e subgêneros das Danças Urbanas apareceram de acordo com cada espaço que ela se inseria, e foi através de artistas de renomes que estas danças ficaram mundialmente conhecidas.

Contudo, vale ressaltar que os primeiros contatos com as Danças Urbanas no Brasil se deram através da mídia. O “pai” do Hip-Hop no Brasil Nelson Triunfo, teve seu primeiro contato devido a filmes vistos pela televisão, sendo assim este o fator influenciador para a criação do seu grupo Funk & Cia na cidade de São Paulo.

Mas nem só da mídia se deu os primeiros contatos, em diversas regiões distantes das grandes metrópoles como a Cidade de Pelotas, por exemplo, muitos como eu, tivemos nossos primeiros contatos através da observação de algum familiar próximo, este que seguia as tendências e as influências vindas das discotecas, servia-nos como grande influenciador e incentivador desta dança. Tiago Meirelles ressalta ter tido seus primeiros contatos através de familiares próximos que lhe ensinavam os “passinhos” de dança.

Com isto, e após este primeiro contato e incentivo, foi através das oportunidades que muitos praticantes das Danças Urbanas acreditaram ser possível levar esta dança a frente como profissão, acreditar na sua credibilidade, possibilidade de transformação e abertura de novos caminhos a seguir.

Furtado nos deixa claro ao responder sobre, como foi sua inserção dentro das Danças Urbanas:

“O grupo piratas de Rua me possibilitou diversas experiências, conheci diversas cidades, e estados do Brasil e isso fez toda diferença na minha vida, pois me fez ir além das esquinas da periferia onde eu moro me mostrando realidades diferentes da minha. No grupo me descobri artista, fiz aulas com diversos profissionais do nosso país quanto do exterior. Atualmente sou professor e coreógrafo de danças urbanas e também acadêmico do curso de Dança-licenciatura da Universidade Federal de Pelotas”³⁶.

Neste caso, acredito que o surgimento das Danças Urbanas em meio às dificuldades políticas, serviu como um fator de oportunidades de novas escolhas, novos conhecimentos e identificações. Com ela novas oportunidades surgiram e a busca pelo conhecimento, assim como a autovalorização e afirmação como pessoa vieram à tona.

Penso que este trabalho possui uma importância pela forma de acolhimento das informações tanto das Danças Urbanas, quanto da Cultura Hip-Hop, material este que na sua maioria encontra-se disperso entre sites, pouquíssimos livros, entrevistas e publicações. Ele procura agregar dentro de si os vários argumentos referentes a esta vertente, buscando assim, um melhor entendimento de uma cultura pouco pesquisada.

Sob este viés, cabe aqui afirmar que este trabalho não deixa total certeza sobre os fatores históricos das Danças Urbanas, mas que procurou ser fiel quanto às informações obtidas.

A realização deste trabalho mostrou que existe um reconhecimento sobre as possibilidades claras que as Danças Urbanas têm com seus adeptos. O interesse

³⁶ FURTADO, Taison. Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

histórico daqueles que hoje trabalham na área e o reconhecimento quanto a sua valorização e potencialidade nos espaços em que está inserido.

Sobretudo, o trabalho deixa claro que as Danças Urbanas é uma dança apta a ser praticada por qualquer pessoa, e que sua atuação nela pode ser de autoajuda, autoconhecimento, autoestima, gerando ao praticante meios pelos quais o mesmo venha a se descobrir.

Para mim, ela serviu e vem servindo como um fator de autoconhecimento, de maneira que a cada nova experiência e vivência, venho me redescobrendo como sujeito capaz de me adaptar as novas situações. As Danças Urbanas me encaminharam a uma profissão, me fizeram ter novos desejos e vontades, hoje me vejo como docente, a frente da classe, onde poderei transmitir a cada novo aluno meus conhecimentos e assim trazer novos amantes desta vertente rica em cultura.

Através dela que me auto afirmei como amante da cultura negra, onde hoje valorizo cada resquício encontrado nas pesquisas e que no qual me enxergo a cada nova resposta encontrada.

“Partindo da ideia de que as danças urbanas pregam a singularidade dos sujeitos que a praticam tornando qualquer pessoa apta a praticá-la independente de sexo ou classe social, acredito que as danças urbanas auxiliaram no desenvolvimento da minha consciência corporal, a reconhecer o meu lugar no mundo enquanto sujeito, a me auto afirmar enquanto negro e valorizar a cultura negra da qual descendo e, que todos sabemos que é oprimida e desvalorizada. As danças urbanas e acima de tudo me deram autonomia, me possibilitou ter uma profissão me proporcionou posicionamento crítico de mundo, me tornando agente criador de minha própria história e não mero expectador, me libertou”³⁷.

Terminada a pesquisa, fico à espera das novas experiências e vivências, procurando assim descobrir de que forma ela irá somar e fazer parte na minha trajetória de vida.

³⁷ FURTADO, Taison. Conforme questionário aplicado. Ver apêndice p. 56.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marianna. **Hip-Hop**: Uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. In: VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação – XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal - RN, p. 1-13, 2008.

ARRUDA, Thayroni Araújo. **O Movimento Hip-Hop e a Criação de Novas Identidades**. In. II Seminário Nacional: Sociologia & Política. Nº 8. 2010. Curitiba. **Anais do...** Curitiba. 2010. p. 1-15.

BAHIANA, Ana M. **Impostação e assimilação**: rock, soul, discotheque. In _____. Anos 70: ainda sob a tempestade / adauto Novaes (org) Rio de Janeiro: Aeroplano: Editora Senac Rio, 2005.

CALDAS, Waldenyr. **“O Consumo Estratificado da Produção Cultural”**. In. Encontros com a Civilização Brasileira. Nº 28. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1981.

COLOMBERO, Rose Mary Marques Papolo. **Danças Urbanas**: uma história a ser narrada. Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP, 2011.

CALDAS, Waldenyr. **Luz Neon**: Canção e Cultura na Cidade / Waldenyr Caldas; I coordenação editorial carla Milanol. – São Paulo: studio Nobel: SESC,– (coleção cidade aberta). 1995.

CARVALHO, Catia F. De. **Neguinhos Calça Larga**: Corpos dançantes nas Identidades e Diferenças. 71f. Monografia (Especialização) – Departamento de Educação e Ciência do Comportamento, Curso de Especialização em Educação Física Escolar, Fundação Universidade de Rio Grande, Rio Grande, 2007.

FLEURY, M. M. N. **Dança de Rua**: Jovens entre projetos de lazer e trabalho. Revista Última década, Val paraíso, n. 27, p. 27-48, dez. 2007.

FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007.

GUARATO, Rafael, *Dança de rua*: **Corpos para além do movimento**. Uberlândia, Eduf, 2008

GRANDI, Ivan. Street Dances. **Guia das Escolas de Dança 2010**. São Paulo.v 6, n. 6. Pag. 21-23. 2010.

HERSCHMANN, M. **O Funk e o Hip Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

RECKZIEGEL, A. C. **Dança de Rua: lazer e cultura jovem na Restinga**. 2004. 195f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RIBEIRO, C.C.R. **O Movimento Hip-Hop como Gerador de Urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas**. 2006. 214f. dissertação (Mestrado) – Faculdade de arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2006.

RICHARDS, Big. **Hip Hop consciência e atitude**. São Paulo: Livro Pronto.140 p. 2005.

SANTOS, O. S; SANTOS, C; JUSTINO, F. H; KOCIAN, R. C; KOCIAN, L. L. R. **Danças Urbanas e os Fatores de Desenvolvimento da Autoestima em Praticantes**. Coleção Pesquisa em Educação Física - São José do Rio Pardo, São Paulo. Vol. 10, n. 6, p. 73-79, 2011.

VARGAS, Soyane. **DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: Projeto Hip Hop na escola**. **Revista Digital**, Bueno Aires, n. 90, nov. 2003.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SITES CONSULTADOS

Otávio Nassur – Dance & Concept: <<http://danceconceptbrasil.com.br/portfolio-item/octavio-nassur/>>. Ultimo acesso dia 19/08/13.

Programa Mais Educação:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content>.
Ultimo acesso dia 19/08/13.

Danças Urbanas – História: <<http://hiphopsteps.blogspot.com.br/p/dancas-urbanas-historia.html>>. Ultimo acesso dia 19/08/13.

Dança de Rua – História: <<http://www.dancaderua.com/historia>>. Ultimo acesso dia 20/08/13.

Nelson Triunfo: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Triunfo>. Ultimo acesso dia 20/08/13.

Grupo Elite Force Crew: <www.eliteforcecrew.com>. Ultimo acesso dia 21/08/13.

Programa Mais Educação:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content>.
Ultimo acesso dia 22/08/13.

Chibarro Mix Cultural:
<http://www.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/CS/CS_01731.pdf>. Ultimo acesso dia 22/08/13.

Festival Internacional de Hip-Hop: <<http://www.fih2.com.br/about/o-festival/>>. Ultimo acesso dia 22/08/13.

Meeting Hip-Hop: <<http://www.meetinghiphop.com.br/>>. Ultimo acesso dia 22/08/13.
NASCIMENTO. Danielli A. de S; SIMON. Cristiano B. – **Hip Hop e marginalidade:**

FILMOGRAFIA CONSULTADA

SATURDAY NIGHT FEVER. Direção John Badham, EUA: Paramount Pictures, 1977.

1 filme (114 min) VHS, son., color.

GREASE: nos tempos da brilhantina. Diretor: Randal Kleiser. EUA: Paramount Pictures, 1978. 1 filme (110 min), VHS, son., color.

WILD STYLE. Direção: Charlie Ahearn. EUA: Rhino Home Vídeo: Records, 1982. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

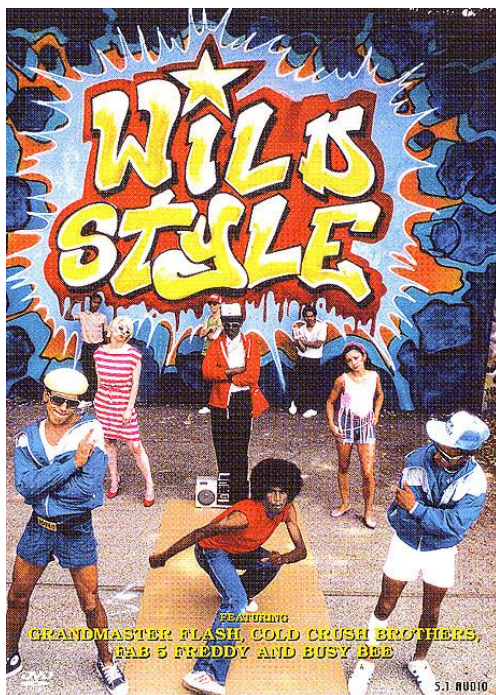
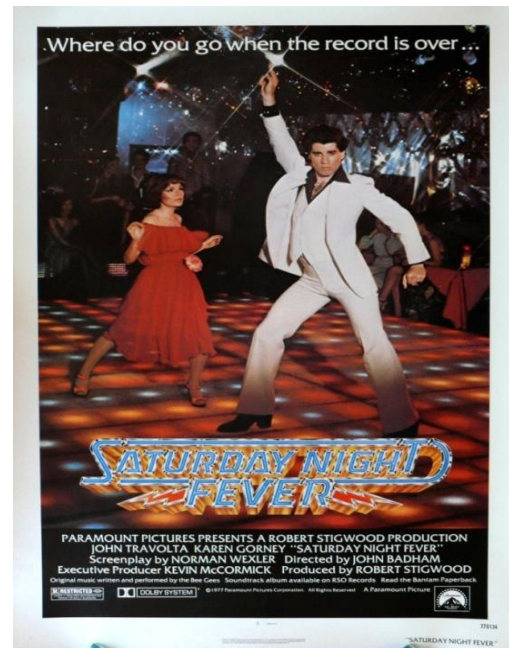
FLASHDANCE. Direção: Adrian Lyne. EUA: PolyGram Filmed Entertainment, 1983. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

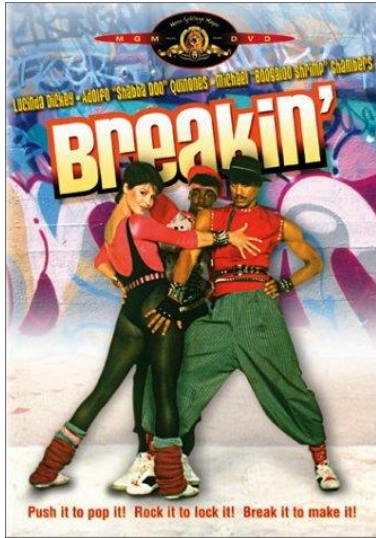
BEAT STREET. Direção: VHS, sonStan Lathan. EUA: Rhino Orion Pictures, 1984. 1 filme (106 min), son., color.

BREAKIN THE MOVIE. Direção: Joel Silberg. EUA: Canhão Films, 1984. 1 filme (90 min), VHS, son., color.

BREAKIN´2: eletric boogaloo. Direção: Sam Firstenberg. EUA: Cannon Pictures, 1984. 1 filme (94 min), VHS, son., color.

ANEXOS





APÊNDICE

Questionário destinado à busca de novas informações pertinentes ao trabalho.

- 1- Quando você começou com a prática das Danças Urbanas e como foi sua inserção neste meio?

Tive início nesse meio em meados de 2006, quando me convidaram para fazer parte de um grupo de dança, em uma das escolas públicas de Pelotas. Foi aí onde conheci e aprimorei o gênero e subgêneros.

Sempre tive contato nesse meio porque eu gostava muito de dançar, conhecia amigos que dançavam, e que quando possível me ensinavam alguns passinhos, também eu assistia vídeos (clipes), quando olhava alguém dançar e entre outras formas. Isso tudo, antes de fazer parte no grupo de dança.

- 2- De que forma as Danças Urbanas podem influenciar na sua pessoa (escolhas, vida pessoal, profissional, estas coisas)?

De certa forma, não escolhi Danças Urbanas por simplesmente gostar do gênero, e sim por me identificar com. Mas também por ser benéfico, como por exemplo, você acaba conhecendo a história do passado, trabalha em questão do corpo, te faz raciocinar, tendo outros benefícios sobre si.

Para mim, foi dessa forma que as Danças Urbanas me influenciou.

- 3- Se fossemos falar sobre “Identidade Cultural”, a que identidade cultural você pertence, ou seja, existe uma identificação com algum gênero das Danças Urbanas? Qual e por quê?

Tenho uma forte identificação com um dos subgêneros, que seria o Waacking.

Por causa do tipo de expressão que provoca e seu tipo de movimentação, que é sempre espontânea, e porque, é aí onde eu me caracterizo, onde se encontram características dinâmicas do mundo GLS com influência nas artistas e cantoras pop da América.

- 4- Como você vê sua situação atual em relação de quando começou a praticar as Danças Urbanas?

Em questão de dança, com certeza hoje assimilo as danças urbanas muito mais do que era eu antes. Por que, porque como eu disse antes na primeira questão, antes eu praticava só os passinhos de vídeo, de vez em quando saía uma movimentação mais complicada, mas hoje vejo que com o tempo, estou ficando além dos passinhos de vídeo e entre outros. E, no entanto, mudou minha situação dessa forma.

- 5- Como você vê a reação dos diversos espaços em relação às Danças Urbanas, levando em consideração que este gênero hoje está em diversos espaços além das periferias e com seus diversos adeptos?

Isso ainda é um assunto a ser discutido. Eu acho que sociedade hoje ainda tem um certo preconceito, se consideramos, uma visão de esquerda das Danças Urbanas.

Quando falamos das Danças Urbanas, como de fato, parte da sociedade já pensa que esse tipo de gênero diz que é coisa pra bandido, marginal, maloqueiro, pobre, negro e por aí vai e que quem anda de roupa larga, bonezão, correntes, entre outros seria das Danças Urbanas.

E então a sociedade acaba criando esse rótulo, essa estética sobre as Danças Urbanas, não deixando de certa forma o preconceito.

Só espero que essa sociedade ignorante, um dia possa apreciar o gosto bom em relação às Danças Urbanas.

Arquivo escrito por Thiago Meirelles
18 de agosto de 2013.

- 1- Quando você começou com a prática das Danças Urbanas e como foi sua inserção neste meio?

Ingressei com 13 anos no mundo da dança através de um projeto entre o grupo de danças urbanas Piratas de Rua e a escola na qual eu estudava.

O grupo piratas de Rua me possibilitou diversas experiências, conheci diversas cidades, e estados do Brasil e isso fez toda diferença na minha vida, pois me fez ir além das esquinas da periferia onde eu moro me mostrando realidades diferentes da minha. No grupo me descobri artista, fiz aulas com diversos profissionais do nosso país quanto do exterior.

Atualmente sou professor e coreógrafo de danças urbanas e também acadêmico do curso de Dança-licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

- 2- De que forma as Danças Urbanas podem influenciar na sua pessoa (escolhas, vida pessoal, profissional, estas coisas)?

Partindo da ideia de que as danças urbanas pregam a singularidade dos sujeitos que a praticam tornando qualquer pessoa apta a praticá-la independente de sexo ou classe social, acredito que as danças urbanas auxiliaram no desenvolvimento da minha consciência corporal, a reconhecer o meu lugar no mundo enquanto sujeito, a me auto afirmar enquanto negro e valorizar a cultura negra da qual descendo e, que todos sabemos que é oprimida e desvalorizada. As danças urbanas e acima de tudo me deram autonomia, me possibilitou ter uma profissão me proporcionou posicionamento crítico de mundo, me tornando agente criador de minha própria história e não mero expectador, me libertou.

- 3- Se fossemos falar sobre “Identidade Cultural”, a que identidade cultural você pertence, ou seja, existe uma identificação com algum gênero das Danças Urbanas? Qual e porque?

As Danças Urbanas é um conjunto muito amplo de expressões, é muito difícil se identificar com um único gênero, assim como as ruas das cidades as danças urbanas são uma pluralidade de influências diversas em cada um de seus gêneros e todos que conhece até então me fascinam, prefiro não me comprometer.

- 4- Como você vê sua situação atual em relação de quando começou a praticar as Danças Urbanas?

Minha relação atual em danças urbanas se resume a minha atuação de professor, coreógrafo e interprete.

- 5- Como você vê a reação dos diversos espaços em relação às Danças Urbanas, levando em consideração que este gênero hoje está em diversos espaços além das periferias e com seus diversos adeptos?

Acredito que atualmente no cenário mundial da dança as danças urbanas conquistaram o seu espaço. Porém, percebo que no Brasil ainda não é esta a realidade, existe muito preconceito sobre, aqui ainda permanece a elitização da dança clássica. No dia, 26 de julho de 2013 a Rede Globo emissora de televisão através do programa Globo Repórter, programa este com toda a programação dedicada a 31º edição do Festival de Dança de Joinville, exibiu as danças urbanas em estereótipos, dança de periferia que agrada presidiários, não mencionando nada sobre a potencialidade das danças urbanas em quanto arte.

Arquivo escrito por Taison Furtado.
19 de agosto de 2013.